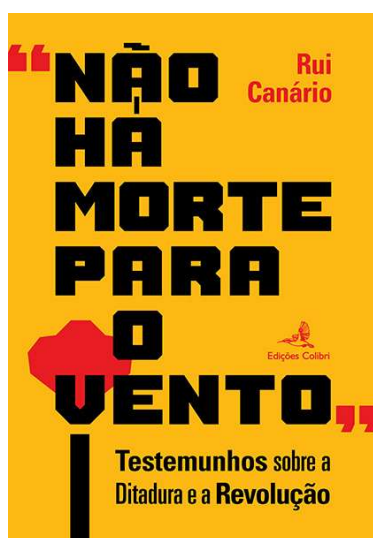


Recensão

Recensão (em jeito de ensaio), a propósito do livro de Rui Canário (2025)

“Não há Morte para o Vento” – Testemunhos sobre a Ditadura e a Revolução.

Edições Colibri



Já não me lembro em que situação ou contexto conheci pessoalmente Rui Canário, mas nunca esqueci o acolhimento que deu a um texto em que fui coautor com Licínio Lima – uma oportunidade inesperada para uma primeira parceria com este colega. Parceria de escrita que se repetiu algumas vezes, uma ou outra com análises relativamente antecipatórias em relação à receção de agendas emergentes nos contextos nacional e internacional.

Tratava-se da revista *Aprender*, da Escola Superior de Educação de Portalegre, de que Rui Canário, na altura, era diretor, e o texto de Licínio Lima e Almerindo Afonso, – “Participação discente e socialização normativa: na perspectiva de uma sociologia das organizações

Página | 91

educativas” – integrou o nº 11 de 1990, cujo tema central era a ‘administração escolar’, também incluindo textos de Beatriz Bettencourt, Fátima Chorão e João Barroso. Aliás, o título sinalizava, da minha parte, resultados parcelares de uma pesquisa exploratória sobre conceções de “socialização normativa”, recém incluídos e defendidos no *trabalho de síntese para provas de aptidão pedagógica e capacidade científica* (novembro de 1989), ao passo que, da outra parte, mais elaborada e sustentada – “na perspetiva de uma sociologia das organizações educativas” – era já a antecipação de uma designação bem-sucedida, que viria a fazer escola no campo da administração educacional, como mostram inúmeras investigações, relatórios científicos e publicações, em grande medida impulsionados ou referenciados à tese de Licínio Lima, *A Escola como Organização e a Participação na Organização Escolar*, publicada em 1992, cuja defesa estava na altura para muito breve.

As referências a Rui Canário são muito frequentes em textos que se inscrevem no âmbito da educação de adultos, mas também no âmbito da administração educacional, como é o caso de um capítulo incluído na coletânea *O Estudo da Escola*, da iniciativa de João Barroso, publicada em 1996, onde se busca ampliar a visibilidade académica e social das questões meso-organizacionais. O capítulo de Rui Canário, neste caso, é uma reflexão a partir das intervenções e textos apresentados num Colóquio da



AIPELF/AFIRSE, realizado em 1994. Neste texto, entre outras observações, defende que “a escola como objeto de estudo possui uma ‘transversalidade’ que não permite encerrá-la no domínio específico de uma disciplina científica, ou mesmo de uma área disciplinar das ciências da educação” (Canário, 1996, p. 140). Para além das razões evocadas, penso que esta afirmação deixa transparecer a sua adesão a uma visão mais interdisciplinar, como acontece no livro *“Não há Morte para o Vento” – Testemunhos sobre a Ditadura e a Revolução* onde fala de “um interesse direto pela sociologia e por uma abordagem integrada das ciências sociais” (Canário, 2025, p. 78).

No livro *O Estudo da Escola* estão presentes também dois outros nomes da administração educacional. É referido João Barroso, que foi presidente do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa (onde Rui Canário também militou como dirigente), o qual, como académico, veio mais tarde a ser um dos autores de leitura indispensável, desde logo, com a tese, *Os Liceus*, publicada em 1995. Nesta mesma área disciplinar das ciências da educação inscrevem-se igualmente alguns dos trabalhos iniciais de Natércio Afonso, como a tese *A reforma da administração escolar. A abordagem política em análise organizacional*, publicada em 1994.

Natércio Afonso é referenciado em diferentes passagens do livro de Rui Canário, *“Não há Morte para o Vento” – Testemunhos sobre a Ditadura e a Revolução*, como um dos maiores amigos e cúmplice de iniciativas de contestação no Liceu, de resistência crítica na Faculdade de Letras e na ação política mais ampla. Foram “décadas de amizade e cumplicidade pessoal, política e profissional desde a nossa adolescência”, como é sublinhado, desde logo, na primeira linha do bonito prefácio que Natércio Afonso escreveu, depois de ler o livro duas vezes – “primeiramente de ‘rajada’ com a sofreguidão da descoberta” (p. 9). Eu diria (re)descoberta, mas talvez Natércio Afonso queira significar que sendo relatos de acontecimentos que em grande parte partilharam, porque vivenciados juntos, muitos outros não terão sido do seu conhecimento. De qualquer forma, julgo eu, seria sempre uma *surpresa* (e muito mais será para o leitor/a) a descoberta do que ficou registado e escrito num texto inédito, autobiográfico, autêntico, estimulante a vários títulos, escrito sobre uma fase muito particular e diferente da vida – o “período temporal em que cresci e me tornei adulto [...] englobando o período revolucionário até à minha participação na Direção do Sindicato de Professores da Grande Lisboa” (p. 15).

Um dos desafios desta revisão/ensaio, a propósito de *“Não há Morte para o Vento” – Testemunhos sobre a Ditadura e a Revolução*, residiu no facto de ser um livro cheio de histórias e minúcias descritivas relatadas de forma *sui generis*, pelo que preferi evitar demasiadas transcrições e pouco recorri a paráfrases. Com uma obra marcada por uma visão crítica muito própria, este livro levou-me a visitar outros trabalhos de Rui Canário. Elejo dois que entendo serem representativos do seu pensamento, relativamente, por um lado, ao lugar da sociologia da educação nas ciências da educação e, por outro, aos desafios da educação de adultos face ao não escolar e aos dilemas da desescolarização.

No texto “Educação permanente e emancipação social”, aborda o conceito de desenvolvimento, convoca Ivan Illich, discute o conceito de educação permanente e assume “uma conceção larga de processo educativo” que “perturba alguns para quem nem tudo pode ser considerado educativo”. Neste texto, valoriza a posição de Popper, referindo que este filósofo “ao longo do seu percurso de vida, construiu um saber e uma

visão únicos sobre a grande aventura do conhecimento humano” (p. 70). E, mais à frente, acrescenta: “A autobiografia de Karl Popper pode ser apresentada como o exemplo de um testemunho coincidente com as novas convicções sobre a educação humana que emergiram e se articularam [...] em torno do conceito de Educação Permanente” (Canário, 2021, p. 70). Nesta passagem encontro outra pequena coincidência, pois na minha licenciatura em sociologia fiz um trabalho sobre a Autobiografia Intelectual deste autor, facto de que dei conta, de passagem, numa das minhas incursões recentes, meio autobiográficas (Afonso, 2025). É claro que na altura eu não sabia nada de educação de adultos, nem de educação permanente.

Em relação à sociologia da educação, a reflexão mais longa e aprofundada está no livro *O que é a Escola? – Um ‘olhar’ sociológico*. Logo no primeiro capítulo explicita que a sua “ambição é a de sustentar a especificidade de uma sociologia da educação construída numa perspectiva de *investigação em educação*” (Canário, 2005, p. 29). E mais à frente esclarece: “A perspetiva que adotamos é a de considerar que é possível uma abordagem dos factos educativos, de inspiração sociológica, que se inscreva e beneficie da vocação plural e multirreferencial das ciências da educação para apreender a totalidade complexa dos fenómenos que estuda” (p. 35). Assim,

é deste ponto de vista que nos colocamos para, pela configuração de um específico horizonte problemático, pela mobilização de determinados níveis de análise, pela consideração, também articulada, de práticas, valores e finalidades, propor um ‘olhar sociológico’ específico sobre a realidade educativa, construído a partir de um campo disciplinar que é o das ‘ciências da educação’. (Canário, 2005, p. 35)

Página | 93

Em vários trabalhos tem sido abordada a questão da “ambiguidade identitária da sociologia da educação”, sendo proposta como «solução» que seja levada em conta a diferença entre *investigação sobre educação* e *investigação em educação*. Rui Canário também o faz neste livro – aliás, bastante denso, e que, ao relê-lo, me voltou a suscitar várias interrogações. É, possivelmente, uma das melhores reflexões sobre a sociologia da educação em Portugal. E o que me interessa aqui sublinhar é que se trata, do meu ponto de vista, de um trabalho que revela bem a forma como Rui Canário se situa, ele próprio, nesta ambiguidade identitária. Ao mesmo tempo em que reafirma a convicção da importância da interdisciplinaridade, assume a sua inserção clara no campo das ciências da educação, sem deixar de lado a sedução pelas ciências sociais, nomeadamente pela sociologia, sedução que está também muito presente no livro *“Não há Morte para o Vento” – Testemunhos sobre a Ditadura e a Revolução*.

Rui Canário era licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Mas por ter anulado a matrícula de Latim e Grego, deduzo que no ano letivo 1965/66, não tinha completado o (antigo) 7º ano e, por isso, não pôde iniciar imediatamente o curso superior. Aproveitou a oportunidade para frequentar a “única escola de Lisboa de nível ‘superior’, mas com um estatuto bastante indefinido” (Canário, 2025, p. 77), que não dependia do Ministério da Educação, mas sim do Ministério das Corporações – o então Instituto de Estudos Sociais. Neste Instituto, que mais tarde deu origem ao ISCTE, lecionava A. Sedas Nunes, personalidade incontornável da sociologia

portuguesa, também fundador do Gabinete de Investigações Sociais (GIS) que, por sua vez, viria a dar origem ao Instituto de Ciências Sociais (ICS), da Universidade de Lisboa. A este propósito, refere: “Aliciava-me a perspetiva de entrar num curso que representou a primeira oportunidade institucional de criar um curso de ciências sociais no qual era lecionada a disciplina de Sociologia” (Canário, 2025, p. 77). Numa recensão que fez sobre a obra de Paulo Freire, de forma apelativa escreve: “O papel das ciências sociais, e em particular da sociologia, consiste em dar caça aos mitos’, desmontar ideias recebidas, reequacionar e reformular problemas” (Canário, 2007, p. 83). Transposto para outro contexto, julgo que esse desafio de “caça aos mitos” constitui uma boa metáfora para entender as derivas de uma militância política de esquerda, relatadas com interessantes detalhes em “‘Clandestinidade’ no PREC” (Canário, 2025 pp. 148-154).

A minha trajetória, alguns anos mais novo (menos de uma década), é bastante diferente da de Rui Canário, sobretudo no período a que corresponde o livro que nestas notas convoco. Também por isso, são poucas as coincidências, mas constatei algumas. Nascemos ambos num dia 3 de julho; a região da Beira esteve presente nas nossas infâncias e marcou muitas memórias; mantivemos um genuíno interesse e conhecimento pelo Brasil e uma expressiva interlocução académica com colegas desse imenso país; somos ambos benfiquistas; tivemos responsabilidades familiares muito cedo; como atrás aludi, partilhámos uma particular consideração intelectual por Karl Popper – o que não impediu, nem a um nem a outro, a adesão a visões do mundo de esquerda, muito diferentes do liberalismo conservador; a educação não formal também foi uma temática que nos interessou, ainda que com entradas distintas: da minha parte, por uma (descontínua e exploratória) incursão na sociologia da educação não escolar; a do Rui Canário, mais pela educação de adultos (de que ele era um autor muito referenciado) ou pelos movimentos sociais e cooperativos – “A dinâmica revolucionária desencadeada pelo movimento popular com o 25 de Abril traduziu-se num intenso movimento educativo, um processo coletivo de aprendizagem para milhões de trabalhadores e cidadãos” (Canário, 2025, p. 15).

Além disso, também nas questões relacionais houve uma ou outra coincidência ocasional a propósito de pessoas que ambos conhecíamos em circunstâncias diferentes. É o caso do jornalista José António Salvador. Sem fugir de um protocolo relacional discreto, apoiado em conversas de ocasião, convivi algumas vezes, nas minhas estadias em Azeitão, com este prestigiado jornalista, autor dos livros *Zeca Afonso – Livra-te do medo* e *José Afonso – O rosto da utopia*, que Rui Canário diz ter-se tornado “um amigo para a vida” (Canário, 2025, p. 96), mas eu tenho pena de não ter sabido dessa amizade, que achei interessante e inesperada pela coincidência. Rui Canário conhecia bem José António Salvador desde os tempos da redação do Boletim Cooperativista e sabia que ele tinha integrado a direção eleita da Associação Académica de Coimbra nos tempos da crise de 1969. Este facto não me passou despercebido, tal como a maior parte dos interessantes relatos experienciais incluídos no livro *“Não há Morte para o Vento”*, os quais constituíram para mim um manancial de surpresas – descritas, aliás, de uma forma muito própria e extraordinariamente motivacional, até mesmo pelo facto de serem revisitados e interpretados acontecimentos do *período revolucionário*, que eu próprio, em grande parte, vivenciei *in loco*, nos tempos em que trabalhei em Lisboa.

Rui Canário como militante maoísta, que chegou a ser; eu existencialista cristão, como me achava na altura (não sei bem até hoje o porquê do existencialista), mas imbuído das energias críticas aumentadas na minha passagem pela JEC (a única equipa nacional que os bispos não reconheceram..., isso poderá dizer alguma coisa), e, sobretudo, pelos testemunhos recebidos e partilhados por alguns militantes que estiveram na vigília da Capela do Rato, na contestação ao regime e à guerra colonial. Rui Canário tinha conhecimento de pessoas deste movimento, e nomeia mesmo a “cumplicidade” com um militante católico “em vias de transitar para o ateísmo”, acrescentando com humor: “Eu fazia de católico fervoroso...” (Canário, 2025, p. 69).

Os nossos percursos e convicções políticas nessa época eram muito diferentes. Mesmo, mais tarde, a interação mais pessoal com Rui Canário foi sempre a propósito de eventos ou provas académicas, apesar de termos ambos vivenciado muitos tempos da carreira como colegas na universidade (eu em Braga, ele em Lisboa). Na última vez em que estivemos juntos em provas académicas, Rui Canário foi, como sempre, frontal, particularmente acutilante na arguição e não poupou nas críticas (com algum respingo para mim, como orientador) – o que, aliás, era uma forma de ser e agir em várias ocasiões, e que sobressai em diversas passagens do livro *“Não há Morte para o Vento” – Testemunhos sobre a Ditadura e a Revolução*. Há trechos com uma autenticidade e transparência que seduzem o leitor porque são genuínos, mais ainda quando temperados por uma escrita de grande sensibilidade, solidariedade, coragem cívica e sentido de humor (este último, quero sublinhar, também foi para mim uma enorme e luminosa surpresa, não tendo, em várias passagens, como leitor absorto, deixado de desfrutar de espontâneas e gostosas gargalhadas).

Página | 95

Muitos nomes de referência nas ciências da educação em Portugal, como Rui Canário, têm biografias estimulantes e ricas, que perdemos em não conhecer porque as interações mais próximas e dialógicas esgotam-se, em geral, nos encontros ocasionais e nos rituais centrados nas questões restritamente académicas. Ao ler esta autobiografia, que é apenas uma parte da vida de Rui Canário, baseada em mil “pequenas *estórias*” (como as designa), dou-me conta do que teria aprendido e desfrutado se tivesse podido conviver mais vezes (e de outra forma) com a pessoa, o cidadão combativo, o militante de esquerda, e não apenas o colega Rui Canário. Alguém que assumia (sociologicamente) a rutura com o senso comum e a distância em relação à familiaridade do social, sem deixar, todavia, de regressar às realidades concretas e à sua tessitura vivencial. Indo, no entanto, mais além: a outras realidades imaginadas e desejadas como alternativas, essas que ele tanto prezou e que deixam sementes em *“Não há Morte para o Vento” – Testemunhos sobre a Ditadura e a Revolução*. Uma ampliação do conhecimento que, desde os pequenos episódios do quotidiano e dilemas experienciais, oscila de forma criativa entre o realismo (pessimista) da crítica (e da autocrítica) e a utopia (otimista) da mudança radical. Este precioso livro (que li com invulgar entusiasmo) ficará como legado para as ciências da educação e, sobretudo, para a própria sociologia.

Referências bibliográficas

Afonso, Almerindo J. (2025). Da sociologia brasileira. *A Terra é redonda*. <https://aterraeredonda.com.br/da-sociologia-brasileira/>

Canário, Rui (2005). *O que é a Escola? – Um ‘olhar’ sociológico*. Porto editora.

Canário, Rui (2007). Recensão da reedição da obra *Paulo Freire e o nacionalismo desenvolvimentista*, de Vanilda Paiva (São Paulo: Graal, 2000). *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*, 2, 83-86. <http://sisifo.fpce.ul.pt>

Canário, Rui (2021). Educação permanente e emancipação social: aprender a ser ‘mestre de si próprio’. In Alberto Melo; Licínio C. Lima & Paula Guimarães (orgs.). *A(c)tualidade da Educação Permanente* (pp. 61-83). APCEP/Espaço Ulmeiro.

Canário, Rui (2025). *“Não há Morte para o Vento” – Testemunhos sobre a Ditadura e a Revolução*. Edições Colibri.

Notas sobre o autor:

Página | 96

Almerindo Janela Afonso

Universidade do Minho

<https://orcid.org/0000-0001-9879-5814>

Professor Aposentado, Sociólogo, Doutor em Educação.